

“O Horror em Martin’s Beach” – H.P. Lovecraft e Sonia H. Greene**Tradução: Fábio Bettega****O HORROR EM MARTIN’S BEACH**

Eu nunca ouvi uma explicação mesmo aproximadamente adequada sobre o horror na Praia do Martin. Apesar do grande número de testemunhas, nenhum dos relatos coincide; e os depoimentos colhidos pelas autoridades locais contêm as mais impressionantes discrepâncias.

Talvez esta falta de clareza seja natural em vista da característica até então jamais vista do próprio horror, o quase paralítico terror de todos que o vimos, e os esforços feitos pelo elegante Wavecrest Inn para abafá-lo após a publicidade criada pelo artigo do Prof. Ahon “São os Poderes Hipnóticos Restritos à Humanidade Conhecida?”

Contra todos esses obstáculos estou lutando para apresentar uma versão coerente; pois eu testemunhei a repulsiva ocorrência e acredito que ela deva ser conhecida tendo em vista as revoltantes possibilidades que sugere. A Praia do Martin é novamente popular como local de banho, mas tremo ao pensar nisso. De fato, não posso de forma alguma olhar para o oceano sem tremer.

Destino nem sempre é desprovido do sentido de drama e clímax, por isso o terrível acontecimento de 8 de agosto de 1922 se seguiu rapidamente a um período de agradável excitação de menor proporção cheio de positiva surpresa na Praia do Martin. Em 17 de maio a tripulação do barco de pesca Alma de Gloucester, sob o Cap. James P. Orne, matou, após uma batalha de quase quarenta horas, um monstro marinho cujo tamanho e aspecto produziram a maior agitação possível nos círculos científicos e fez certos naturalistas de Boston tomar todas as precauções para sua preservação taxidérmica.

O alvo tinha cerca de 15 metros de comprimento, de formato aproximadamente cilíndrico, e cerca de 3 metros de diâmetro. Era sem sombra de dúvida um peixe branquiado de uma das grandes subdivisões; mas com certas modificações curiosas tais como pernas dianteiras rudimentares e pés com seis dedos no lugar das nadadeiras peitorais, os quais provocaram as mais amplas especulações. Sua boca extraordinária, sua pele grossa e escamosa, e seu olho único e profundo eram assombros apenas pouco menos singulares do que suas dimensões colossais; e quando os naturalistas o definiram como um organismo infante, que não poderia ter sido chocado há mais do que uns poucos dias, o interesse público se elevou a níveis extraordinários.

Cap. Orne, com típica astúcia Ianque, obteve um barco grande o suficiente para conter o objeto em seu casco, e organizou uma exibição de seu prêmio. Com cuidadosa carpintaria ele preparou o equivalente de um excelente museu marinho, e, navegando para o sul para a rica região de recreação da Praia do Martin, ancorou no píer do hotel e colheu uma safra de entradas.

A intrínseca fantasticidade do objeto, e a importância que ele claramente possuía na opinião de muitos visitantes científicos de perto e de longe, se combinaram para torná-lo a sensação da temporada. Que era absolutamente único – único a um grau cientificamente revolucionário – era bem compreendido. Os naturalistas haviam mostrado claramente que era radicalmente diferente dos similarmente imensos peixes capturados na costa da Flórida; que, mesmo obviamente sendo um habitante das mais incríveis profundezas, talvez centenas de metros, seu cérebro e principais órgãos

indicavam um desenvolvimento surpreendentemente vasto, e fora de proporção com qualquer coisa até então associada com o grupo dos peixes.

Na manhã de 20 de julho a sensação foi ampliada pela perda do navio e seu estranho tesouro. Na tempestade da noite anterior ele partiu suas amarras e sumiu para sempre da vista do homem, carregando consigo o vigia que havia dormido a bordo apesar do tempo ameaçador. Cap. Orne, apoiado por amplos interesses científicos e auxiliado por um grande número de barcos de pesca de Gloucester, fez uma extensa e exaustiva busca, mas sem resultados além de incitar interesse e discussão. Em 7 de agosto a esperança foi abandonada e o Cap. Orne retornou para Wavecrest Inn para finalizar seus negócios na Praia de Martin e deliberar com certos cientistas que ali permaneceram. O horror chegou em 8 de agosto.

Era crepúsculo, quando gaivotas cinzentas dardejavam baixo sobre a praia e uma lua nascente começou a fazer um caminho brilhante nas águas. É importante lembrar a cena, pois cada impressão conta. Na praia estavam várias pessoas caminhando e alguns banhistas tardios; grupos da distante colônia de chalés que se erguia modestamente em uma colina verdejante ao norte, ou do adjacente Inn situado no topo do penhasco cujas imponentes torres proclamavam sua dedicação à riqueza e à suntuosidade.

Confortavelmente dentro do limite visual estava outro grupo de espectadores, os freqüentadores da varanda com teto alto e iluminada por lanterna do Inn, que pareciam estar aproveitando a música dançante do suntuoso salão interno de danças. Estes espectadores, que incluíam o Cap. Orne e seu grupo de conferencistas científicos, se uniram ao grupo da praia antes do horror ter progredido muito; assim como muitos outros do Inn. Certamente não havia falta de testemunhas, apesar de suas histórias serem confusas devido ao medo e à dúvida quanto ao que viram.

Não há registro exato do momento onde a coisa começou, embora a maioria diga que a lua completamente redonda estava “cerca de um pé” acima dos vapores baixios do horizonte. Eles mencionam a lua porque o que eles viram pareceu sutilmente conectado com ela – uma espécie de dissimulada, deliberada e ameaçadora ondulação que partiu do horizonte distante junto com a luminosa trilha de raios da lua refletidos, mas que pareceu arrefecer antes de alcançar a praia.

Muito não notaram esta ondulação até serem lembrados por eventos posteriores; mas ela parece ter sido bastante destacada, diferindo em altura e movimento das ondas normais ao redor dela. Algumas a chamaram de enganadora e calculada. E quando ela se desfez habilmente nos recifes negros ao longe, repentinamente veio jorrando das brilhantes linhas da água do mar um grito de morte; um rugido de angústia e desespero que provocaram comiseração mesmo quando apenas imitado.

Os primeiros a responder ao grito foram os dois salva-vidas que estavam em serviço; uns tipos vigorosos em trajes de banho brancos, com suas ocupações escritas em grandes letras vermelhas cruzando o peito. Mesmo acostumados como eram ao trabalho de resgate e aos gritos dos que se afogavam, eles não identificaram nada de familiar no sobrenatural lamento; mesmo assim devido ao senso de dever treinado eles ignoraram a estranheza e continuaram a seguir seu procedimento usual.

Rapidamente pegando uma bóia inflável, a qual com seu rolo de corda estava sempre à mão, um deles correu rapidamente pela praia até a cena onde a multidão se acumulava; então, após girá-la para ganhar momento, ele lançou o disco oco longe na direção da qual o som havia vindo. Enquanto a bóia desaparecia nas ondas, a multidão aguardava com curiosidade um sinal do desafortunado ser cujo sofrimento havia sido tão grande; ávidos por ver o regaste feito pela massiva corda.

Mas logo se percebeu que o resgate não seria um assunto rápido ou fácil; pois, puxando a corda o quanto podiam, os dois musculosos salva-vidas não podiam mover o objeto no outro lado. Ao contrário, eles se depararam com o objeto puxando com força igual ou mesmo maior no sentido exatamente oposto, até que em poucos segundos eles foram arrastados para dentro da água pelo estranho poder que havia se apossado do ofertado flutuador.

Um deles, se recuperando, imediatamente pediu ajuda para a multidão na praia, para quem atirou o restante do rolo de corda; e rapidamente os salva-vidas estavam auxiliados por todos os homens mais vigorosos, dentre os quais o Cap. Orne era o primeiro. Mais de uma dúzia de fortes mãos estavam então puxando vigorosamente a sólida linha, mas ainda sem qualquer resultado.

Quanto mais vigorosamente puxavam a estranha força na outra ponta puxava com ainda mais vigor; e uma vez que nenhum dos lados relaxava por nenhum instante, a corda se tornou rígido como aço com a enorme tensão. Os empenhados participantes, assim como os espectadores, estavam a este tempo consumidos pela curiosidade sobre a força no mar. A idéia de que era um homem se afogando há muito havia sido descartada; e sugestões de baleias, submarinos, monstros e demônios agora circulavam livremente. Onde inicialmente a compaixão havia levado os resgatantes, agora o assombro os mantinha na tarefa; e eles puxavam com feroz determinação para descobrir o mistério.

Tendo finalmente sido decidido que uma baleia devia ter engolido a bóia inflável, Cap. Orne, sendo um líder natural, gritou para aqueles na praia que um barco deveria ser obtido para a aproximação, arpoar e trazer à terra o invisível leviatã. Vários homens imediatamente se prepararam para se dispersaram em busca de uma embarcação apropriada, enquanto outros foram substituir o capitão na corda tensionada, uma vez que o lugar do mesmo logicamente era com qualquer tripulação que pudesse vir a ser formada. A idéia do capitão da situação era bastante ampla e de forma alguma limitada a baleias, uma vez que ele teve que lidar com um monstro muito mais estranho. Ele se perguntava quais seriam os atos e manifestações de um adulto da espécie da qual a criatura de quinze metros tinha sido o menor dos infantes.

E então se passou com chocante rapidez o fato crucial que mudou toda a cena de assombro para horror e paralisou de terror o grupo reunido de esforçados puxadores e observadores. Cap. Orne, se preparando para abandonar seu posto na corda, descobriu suas mãos presas no lugar por uma força inexplicável; e rapidamente ele percebeu que estava incapaz de largar a corda. Sua desafortunada situação foi instantaneamente percebida e assim que cada um de seus companheiros testou sua própria situação a mesma condição foi encontrada. O fato não podia ser negado – cada um dos puxadores estava irresistivelmente preso em algum misteriosa subjeção à linha fibrosa que estava lentamente, repulsivamente e implacavelmente os puxando para o mar.

Um horror silencioso se seguiu; um horror no qual os espectadores estavam petrificados à completa inação e caos mental. Suas completas desmoralizações estão refletidas nos relatos conflitantes que eles dão, e nas embaraçadas desculpas que dão para suas aparentemente insensíveis inércias. Eu era um deles, e sei.

Mesmo os puxadores, após alguns poucos gritos frenéticos e gemidos fúteis, sucumbiram à paralisante influência e se mantiveram silenciosos e fatalistas em face aos poderes desconhecidos. Lá permaneceram sob o pálido luar, cegamente puxando contra um terrível destino espectral e sacudindo monotonamente para frente e para trás enquanto a água subia inicialmente para seus joelhos e depois para seus quadris. A lua se ocultou parcialmente atrás de uma nuvem, e na meia luz a linha de homens sacudindo lembrava uma centopéia sinistra e gigantesca, se contorcendo nas garras de uma morte terrível e rastejante.

Mais e mais tensa a corda se tornou, enquanto a puxada em ambas as direções aumentava, e os filamentos inchavam empapados nas ondas crescentes. Lentamente a maré avançou até que as areias até pouco populadas por crianças rindo e amantes sussurrantes estivessem engolidas pelo fluxo inexorável. O bando de observadores em pânico se movia abruptamente para trás quando a água subia acima de seus pés, enquanto a terrível linha de puxadores repulsivamente continuava a sacudir, meio submersa, e agora a uma distância substancial de sua audiência. Silêncio era completo.

O público, tendo-se amontoado em um local além do alcance da maré, observava em muda fascinação; sem oferecer uma palavra de conselho ou encorajamento, ou tentar qualquer tipo de assistência. Havia no ar um medo pesadêlico medo de males iminentes tais como o mundo nunca antes tomara conhecimento.

Minutos pareciam se alongar em horas, e aquela cobra humana de torsos se agitando ritmicamente continuava a ser vista acima da maré que aumentava rapidamente. Ritmicamente ondulava; lentamente, horivelmente, com a marca da fatalidade sobre ela. Nuvens mais densas agora passavam em frente á lua ascendente, e o caminho brilhante nas águas quase desapareceu.

Bastante indistintamente se contorcia a linha serpentina de cabeças ondulantes, e de quando em quando a lívida face de umas das vítimas olhando para trás brilhando pálida na escuridão. Mais e mais rápido se acumulava as nuvens, até que eventualmente suas raivosas fissuras lançaram abaixo línguas afiadas de uma chama febril. Trovões ressoaram, suavemente de início, mas logo aumentando para uma intensidade ensurdecadora, enlouquecedora. Então veio um estrondo culminante – um choque cujas reverberações pareceram estremecer tanto terra quanto mar – e em seu encalço uma tempestade cuja encharcante violência sobrepujou o mundo escurecido como se o próprio céu se tivesse aberto para verter uma torrente vingativa.

Os espectadores, agindo instintivamente apesar da ausência de um pensamento consciente e coerente, agora recuavam pelos degraus do penhasco subindo para a varanda do hotel. Rumores haviam chegado dentro aos hóspedes, de forma que os refugiados encontraram um estado de terror quase igual ao deles mesmos. Eu acho que umas poucas palavras aterrorizadas foram proferidas, mas não estou certo.

Alguns, que já estavam hospedados no Inn, se retiraram aterrorizados para seus quartos; enquanto outros permaneciam para observar as vítimas rapidamente se afogando enquanto as cabeças flutuantes apareciam por sobre as ondas ascendentes durante os irregulares clarões dos raios. Eu lembro pensar sobre essas cabeças, e os protuberantes olhos que deveriam conter; olhos que bem poderiam refletir todo o terror, pânico e delírio de um universo maligno – toda tristeza, pecado e miséria, as abomináveis esperanças e desejos irrealizados, medo, repugnância e angústia das eras desde o começo dos tempos; olhos iluminados com dor capaz romper-almas originada de infernos eternamente em chamas.

E quando eu olhei além das cabeças, minha imaginação conjurou ainda outro olho; um olho único, igualmente iluminado, mas com um propósito tão revoltante para meu cérebro que a visão logo passou. Presa nas garras de um torno mecânico invisível, a linha dos condenados se arrastava; seus gritos silenciosos e orações não ditas ouvidos apenas pelos demônios das ondas negras e o vento noturno.

Então irrompeu do céu enfurecido tal cataclismo louco de sons satânicos que mesmo o estrondo precedente pareceu diminuído. Em meio a um brilho cegante de fogo descendente a voz do céu ressoou com as blasfêmias do inferno, e a agonia unida de todos os condenados do inferno reverberou em um apocalíptico, carrilhão rompe-mundo de Ciclópico alarido. Foi o fim da

tempestade, pois com impressionante rapidez a chuva cessou e a lua mais uma vez lançou seus raios pálidos em um mar estranhamente silenciado.

Não havia mais uma linha de cabeças flutuantes. As águas estavam calmas e vazias, e agitadas apenas pelas mitigantes ondulações do que parecia ter sido um rodadoiro distante no caminho da luz do luar de onde o estranho grito veio pela primeira vez. Mas enquanto eu olhava ao longo da traiçoeira via de brilho prateado, com a imaginação em frenesi e sentidos super excitados, então gotejou em meus ouvidos provindo de alguma vastidão abismal submersa os débeis e sinistros ecos de uma gargalhada.